

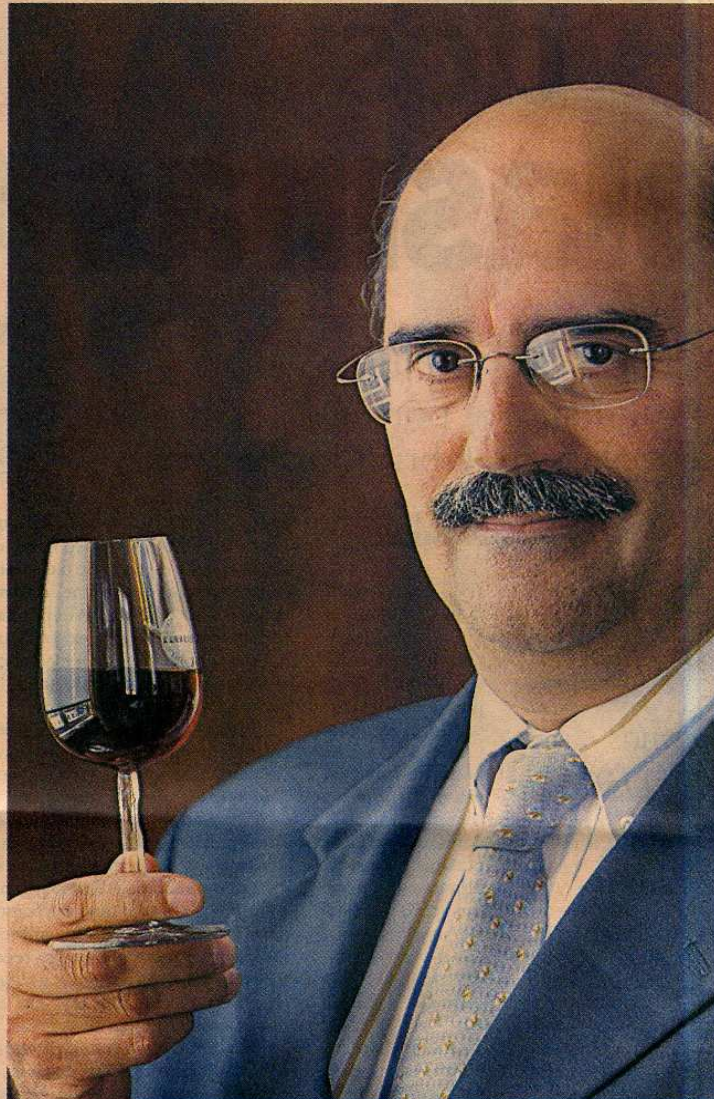
# Bola, rede e vinho

**S**EMPRE que em casa há festarolas ou iniciativas afins, como sucedeu esta semana para assinalar o seu aniversário, a garrafeira fica desfalcada de um Porto Vintage que rivaliza com o champagne na primazia dos momentos especiais. Na rotina diária, este apreciador irreverente e tardio, tem sempre à mão no frigorífico um Reserva 10 anos. Entrou no Vinho do Porto pela porta institucional depois de uma experiência na CCRNorte como gestor do Prodouro lhe ter aguçado a sensibilidade e refinado o conhecimento da região. Mas, sabia do sector apenas o básico e essencial, nem imaginava o prestígio de que o produto desfruta em todo o Mundo — sem que o orgulho nacional exalte tal cotação no exterior.

O cargo no Instituto de Vinho do Porto foi dos raros empregos a que este engenheiro acedeu sem responder a um anúncio. A infância em Espinho ficou marcada pelo fascínio dos comboios que eram música para os seus ouvidos, e mais tarde utilizou nas viagens diárias para o liceu e Faculdade, no Porto. Com um avô ferroviário, a primeira vocação foi ser maquinista, mas seriam outras as locomotivas que acabaria por conduzir.

Optou por Engenharia pela praça razão de ser bom aluno a Matemática e, em especial, a Física (sacou um 20 na aptidão à Universidade), mas o que hoje valoriza da sua aprendizagem juvenil foi o espírito de equipa e capacidade de decisão que a prática do voleibol lhe injectou. Era um exímio rematador, sempre gostou de jogar junto à rede. Tornar-se-ia depois treinador da modalidade.

Concluiu o curso em plena consulsão de 1975, numa altura em que os empregos eram um bem raro e escasso. Socorre-se do ensino, tem de ir a Lisboa disputar uma colocação que surge, em Dezembro, para ensinar Matemática no liceu do Funchal. O primeiro salário foi de 7200 escudos. A solitária deslocação promoveu-lhe a autonomia, a capacidade de desenrascanço e estimulou-lhe o gosto pela culinária. Quatro anos depois, já era efectivo, tinha uma vida calma e tranquila. Mas respondia a anúncios compulsivamente. Em 1980, dá-se a mudança de linha que marcaria de vez a sua carreira. É um dos 39 engenheiros contratados para a fábrica da Renault, em Cacia. Foi a primeira e mais estimulante experiência num percurso destinado a sucessivas mudanças. Entrou a ganhar 29 contos brutos, um salário inferior ao de professor. Aliás, nunca mudou de emprego por dinheiro. Nuns casos, saiu por se sentir desconfortável, noutros porque esgotara a pai-



**NOME:** Jorge Monteiro  
**IDADE:** 54 anos  
**CARGO:** presidente do IVDP  
**FORMAÇÃO:** engenheiro electrotécnico  
**FAMÍLIA:** divorciado, quatro filhos (25, 23, 18 e 3).  
**CASA:** moradia em Francelos  
**CARRO:** Mercedes 100 D.  
**PAIXÕES:** culinária — os amigos elogiam-lhe a açorda de marisco, feijoada e tigelada. Leitor compulsivo (Sartre, Saramago, etc) e música (Verdi, Puccini, Doors, Stones e Kinks)  
**FRUSTRAÇÃO:** não saber tocar piano  
**IRRITAÇÕES:** cultura nacional de incumprimento. Que o seu interlocutor não o olhe de frente

xão e precisava de um novo desafio. A Renault foi a sua escola de gestão, antes de se transferir para a Philips, em Ovar. Seguiu-se a SPR, uma capital de risco do universo BPA. Sempre por anúncios. Na SPR geriu participações em empresas de arrojada tecnologia, como a Tecnirob, de concepção de robôs ou a Siroco, de mecânica de precisão. Uma experiência que o conduziu à NET - Novas Empresas & Tecnologia e à direcção da APGEI. Este rali profissional desembocou num convite, em 1996, para a CCRnorte, a primeira incursão na gestão pública. A ano e meio de completar o seu mandato, acredita que é chegado o momento de fechar este ciclo e regressar talvez ao sector privado. Para brindar a um novo desafio. Com ou sem rede.

ABÍLIO FERREIRA